

A CARAVANA DO ACÚMULO IDENTITÁRIO DE SÍLVIO SANTOS E SENOR ABRAVANEL: HIBRIDIZAÇÃO NAS CONFIGURAÇÕES DE SUJEITO

Jaqueline Fonseca Veiga¹ (UEG)
Luana Alves Luterman² (UEG)

GT 11 – Linguagem, Discurso e Identidades

Resumo

Este artigo apresenta um recorte do trabalho monográfico previamente intitulado “*Vai pra lá, vai pra lá*”, *politicamente correto no discurso lúdico: ethos e identidade híbrida de Silvio Santos e Senhor Abravanel*. A partir dessa temática, estudaremos como ocorre o acúmulo identitário em Senhor Abravanel e como essa hibridização subjetiva interfere na produção dos enunciados. Essa pesquisa, que possui o aporte epistemológico da Análise do Discurso de linha francesa, tem os objetivos de refletir sobre a constituição do sujeito (FERNANDES, 2008); compreender os gêneros discursivos (BAKHTIN, 1997); investigar as práticas enunciativas de Silvio Santos, que se pluraliza identitariamente com Senhor Abravanel (FOUCAULT, 2008); compreender como se dá a fluidez identitária em detrimento da concepção cartesiana de sujeito, fixo, pronto e acabado, inflexível e permanente em todas as suas atuações sociais (BAUMAN, 2007) e perceber a recorrência de determinadas temáticas que se materializam pelo uso do recurso lúdico (MINOIS, 2003). Partiremos da seguinte problemática: como o personagem configurado como sujeito politicamente incorreto, que é Silvio Santos, irrompeu nos programas de auditório? Como é possível notar a simbiose identitária desse sujeito, em sua vida pública e privada? De que modo a ordem sócio-histórica cliva o sujeito Silvio Santos no processo de formulação de seus enunciados legitimados pelo recurso lúdico para a provocação do riso? Como resultados parciais, percebemos o acúmulo identitário em alternâncias das práticas enunciativas de Senhor Abravanel como sujeito partícipe da esfera familiar, como patrão, sujeito que mobiliza o poder na esfera financeira, e como ele incorpora todas essas identidades para a espetacularização e para a visibilidade de si também como personagem Silvio Santos.

Palavras-chave: Acúmulo identitário. Sujeito. Personagem. Silvio Santos. Senhor Abravanel.

Introdução

Esse artigo é um recorte do trabalho monográfico a princípio intitulado “*Vai pra lá, vai pra lá*”, *politicamente correto no discurso lúdico: ethos e identidade híbrida de Silvio Santos e Senhor Abravanel*. Essa pesquisa objetiva entender como a identidade do sujeito

¹ Aluna do 4º ano do curso de Letras e voluntária de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Inhumas. E-mail: jaquelinefveiga@outlook.com

² Pós-Doutora e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (Área de concentração: Linguística; Linha de pesquisa: Análise do Discurso) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG) e professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG – Câmpus Inhumas). Professora do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidades (POSLLI – UEG). E-mail: luanaluterman@yahoo.com.br

Senor Abravanel está presente na constituição do personagem Silvio Santos, como ocorre esse acúmulo identitário e quais implicações essa hibridização causa nos enunciados ditos por Silvio Santos.

Este estudo irrompeu de inquietações a respeito do acúmulo de identidades em um único sujeito, pois, em relação a Silvio Santos, a imagem do personagem muitas vezes é a única marcada, há certo desconhecimento com relação ao sujeito Senhor Abravanel, palimpsesto do personagem. Considerando o acúmulo identitário que cliva Silvio Santos como sujeito público e privado, ficam as indagações: como o personagem configurado como sujeito politicamente incorreto, que é Silvio Santos, irrompeu nos programas de auditório? Como é possível notar a simbiose identitária desse sujeito, em sua vida pública e privada? De que modo a ordem sócio-histórica cliva o sujeito Silvio Santos no processo de formulação de seus enunciados legitimados pelo recurso lúdico para a provocação do riso?

Diante dessa problematização, trabalhando com a Análise do Discurso de linha francesa, buscamos aporte teórico em Fernandes (2008), para entendermos o que é o sujeito e como é constituído o sujeito discursivo; Bakhtin (1997), para compreender como os gêneros discursivos organizam o estilo, o tema e a construção composicional dos dizeres de Silvio Santos; Foucault (2008), para investigar o discurso e as práticas enunciativas de Silvio Santos. Utilizamos também os estudos de Bauman (2007), para compreender as concepções acerca do acúmulo identitário e da hibridização de sujeitos. Mobilizamos, também, Minois (2003), para entender como se dá o aparecimento de determinadas temáticas, que estão ancoradas no recurso lúdico, nas práticas enunciativas politicamente incorretas de Silvio Santos.

Para contemplar o que é proposto, a partir do método arqueológico foucaultiano, via Análise do Discurso de linha francesa, com apoio da teoria sociológica de Bauman e histórica de Minois, analisaremos trechos das práticas enunciativas de Silvio Santos que são veiculados na biografia, na televisão e na internet. O que pretendemos é mostrar em que ocasiões ocorre, como ocorre essa hibridização de sujeitos e o que legitima as práticas enunciativas que sustentam os dizeres desses dois sujeitos que se acumulam num só corpo.

“Vem pra cá, vem pra cá”: o atravessamento discursivo de Senhor Abravanel nas práticas enunciativas e Silvio Santos

Senor Abravanel, conforme o registro identitário de nascimento, é o sujeito do qual irrompe Silvio Santos. O sujeito, de acordo com o aporte epistemológico da Análise do Discurso, é “constituído por diferentes vozes sociais, é marcado por intensa heterogeneidade e conflitos, espaços em que o desejo se inter-relaciona constitutivamente com o social e manifesta-se por meio da linguagem” (FERNANDES, 2008, p.35). O sujeito, por se constituir a partir do outro, dos dizeres do outro, é heterogêneo. Os efeitos de sentido que irrompem desses dizeres são diferentes para cada interlocutor, pois o sujeito é plural. No caso de Silvio Santos e Senor Abravanel, ocorre uma hibridização nas configurações de sujeito.

Considerando isso, até que ponto Silvio Santos é o sujeito enunciador em seus programas? Em que espaços e situações irrompe a voz de Senor Abravanel? Quais conflitos contribuem para essa transição ou miscelânea, acúmulo, de sujeitos? Basicamente, quando ocorrem situações que levam ao conflito entre a vida pública e privada, emerge essa hibridização de sujeitos.

Silvio Santos é um dos mais conhecidos animadores brasileiros, “proprietário” do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Devido ao sucesso, houve uma gradativa hibridização do sujeito real e do sujeito ficcional. O personagem espetacularizado, clivado pelo recurso lúdico, muitas vezes coincide com o próprio Senor Abravanel, que empresta o corpo à ficção: Sílvio Santos apaga Senor Abravanel ou, pelo menos, incorpora-o, acumulando identidades, hibridizando os sujeitos.

[...] a “hibridização” significa um movimento em direção a uma identidade eternamente “indeterminada”, de fato “indeterminável”. No horizonte desse processo, inatingível e teimosamente em retirada, surge uma identidade definida unicamente por se distinguir de todo o resto: de todas e cada uma das identidades nomeadas, conhecidas e reconhecidas, e por essa razão aparentemente estabelecidas. Desse “resto”, a identidade dos “hibridizadores” permanece, não obstante, irremediavelmente dependente. Não tem um modelo próprio definido para seguir e emular (BAUMAN, 2007, p. 45-46).

As identidades de Silvio e Senor se acumulam, hibridizam-se de modo interdependente, pois a concepção do personagem Silvio Santos é clivada pelas vozes discursivas de diferentes circunstâncias sociais. Não há uma identidade única, imutável, fixa, mas, com base no reconhecimento midiático do animador, sobressai, portanto, o personagem Silvio Santos, ícone da diversão e do entretenimento baseado no escárnio como representação

do comportamento humano. Silvio conta como foi o aparecimento desse pseudônimo:

[...] minha mãe costumava chamar-me de Silvio, em vez de Senhor. Um dia, quando fui entrar no programa de calouros do Jorge Cury, o Mario Ramos, produtor, perguntou o meu nome. ‘Silvio’, respondi. ‘Silvio de quê?’. Eu disse: ‘Silvio Santos – porque os santos ajudam’. Foi um estalo que me deu, uma coisa do momento, que pegou. Também foi uma maneira de disfarçar, porque meu nome, Senhor Abravanel, já estava muito ‘manjado’ nos programas de calouros, pois eu sempre ganhava alguma coisa. E ficou Silvio Santos até hoje, tanto que nas minhas malas de viagem eu coloco a etiqueta ‘Silvio Santos Senhor Abravanel’ (SILVA, 2000, p. 24).

Nessa fala, além de entendermos como se deu essa irrupção identitária, percebemos também um acúmulo de identidades em um só corpo. Senhor Abravanel sustenta o personagem Silvio Santos, que se tornou mais relevante que a própria identidade de batismo. O fato de o nome Silvio Santos antecipar Senhor Abravanel na etiqueta das malas mostra como a identidade pública, famosa, é topicalizada, em detrimento da identidade privada, cujo território permanece em segundo plano, pois

[...] o sujeito, mais especificamente o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. A voz desse sujeito revela o lugar social; logo expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade histórica e social; de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico (FERNANDES, 2008, p. 24).

Senhor Abravanel é um ser social que atende pelo nome de Silvio Santos. Essa atribuição identitária carrega em si um valor simbólico distinto do poder imagético do Silvio Santos, o personagem que adquire fama, status social e, inclusive, permite a ascensão financeira, lugar social que se destaca diferentemente da existência sócio-histórica infame de um camelô, voz constitutiva do Senhor Abravanel, identidade anterior à fama. Trata-se de uma construção identitária que se deu em determinado momento, permeado pelo reconhecimento coletivo, inscrito por outras vozes sociais que legitimaram o lugar sócio-histórico do comunicador Silvio Santos. Isso ocorreu em um concurso de rádio, mas a permanência desse nome se deu pela aceitação de um público, que constitui as vozes integrantes desse sujeito. O sujeito discursivo é uma construção social, não individualizada; não se constitui por vontade própria, mas pela movência discursiva que encaminha a transposição do camelô ao

comunicador. Por mais que o sujeito infame Senhor Abravanel, anterior aos shows de calouros, tenha sido apagado para dar lugar ao personagem, as identidades do sujeito público e privado que Silvio Santos apresenta se imbricam. Afinal, seriam eles um só sujeito?

Silvio Santos, como identidade pública, na televisão, é viabilizado por meio da forma como o apresentador se projeta para o auditório: os dizeres, os gestos, trejeitos, o comportamento, características que proporcionam seu estilo e empatia com relação à interação entre o auditório e o animador. Entretanto, essa identidade pública é híbrida, mistura-se com a identidade privada de Senhor Abravanel. Em determinados momentos, principalmente nas ocasiões de interação com a filha, Patrícia Abravanel, percebemos que as práticas enunciativas viabilizadas por meio dos dizeres de Silvio Santos são próprias do pai, e não do animador, assim como os dizeres de Patrícia são os da filha. A relação profissional é imbricada com a relação privada, pois, ali no palco, pai e filha evocam dizeres pertencentes à identidade discursiva da esfera familiar, mas, simultaneamente, da esfera pública, atrelada ao humor, componente principal de um programa de auditório. Há uma ruptura na regularidade dos dizeres, que se mesclam na relação sincrética entre esfera familiar e pública. A irrupção desses dizeres pode ser entendida a partir do conceito de função enunciativa.

[...] a função enunciativa [...] não pode se exercer sobre uma frase ou proposição em estado livre. Não basta dizer uma frase, nem mesmo basta dizê-la em uma relação determinada com um campo de objetos ou em uma relação determinada com um sujeito, para que haja enunciado -, para que se trate de um enunciado é preciso relacioná-la com todo um campo adjacente. Ou antes, visto que não se trata de uma relação suplementar que vem se imprimir sobre as outras, não se pode dizer uma frase, não se pode fazer com que ela chegue a uma existência de enunciado sem que seja utilizado um espaço colateral; um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados (FOUCAULT, 2008, p. 110).

Os dizeres de Silvio e Patrícia fazem parte de um mesmo contexto. A relação familiar vem à tona e provoca essa hibridização do que pertence a vida privada no meio público. A relação familiar provoca a emergência desses dizeres, o espaço e os agentes enunciadorees são fundamentais para que esses enunciados sejam ditos e esses comportamentos, visibilizados.

Essa hibridização do público e do privado, principalmente em decorrência da relação familiar, pôde ser vista recentemente na última edição do *Troféu Imprensa*. Silvio Santos revela a gravidez da filha, Patrícia Abravanel. Talvez pela alegria de ser avô novamente,

Silvio não é mais apenas o apresentador do *Troféu Imprensa*, pois acaba contando a “não gravidez” de Patrícia e a gestação da outra filha, Daniela. No caso da Patrícia, há uma espetacularização maior: primeiro, porque não é algo positivo; o que é trágico e melodramático costuma ter um destaque maior, devido ao apelo emocional relacionado à perda, à morte. Outro fato é que Patrícia é a filha artista, famosa, ela aparece muito mais que Daniela. Para a mídia, é mais lucrativo explorar a vida de Patrícia. Porém, Patrícia não comunicou seu provável aborto, ou “falso positivo” relacionado à possibilidade de gravidez. Paradoxalmente, Patrícia Abravanel expôs comentários sobre sua recente perda, ou possibilidade de gravidez, sempre atravessados pelo discurso lúdico, como demanda o gênero discursivo dos programas televisivos engendrados pelo estilo burlesco de Silvio Santos. Por mais que ela pareça não gostar das revelações que ele faz, ela dá ainda mais detalhes, como é o caso do diálogo que segue:

- Você é muito linguarudo!
- Que que é?
- É!
- Que que é, minha filha?
- Muito linguarudo!
- Quem? Eu?!
- Sim.
- Por que?
- Nem te conto! É, não é?
- Mas, por quê?
- Os jornalistas todos ali já anotaram, não tinha nem contado pra ninguém e aí “cê” já falou pra todo mundo!
- O quê?
- Né?! A Sônia tá aí de olho, vai tá lá amanhã no programa dela!
- Mas o que que eu falei?
- Quem mais? Ah! O Flávio Ricco também, entendeu?! Todo mundo assim: das fofocas quentes!
- Mas “cê” não ficou grávida? Não foi na farmácia?
- Eu fui na farmácia.
- Não botou aquele... sei lá?
- Fiquei muito feliz!
- E depois?
- Aí depois de um tempo a gente foi fazer, “cê” tava junto, o ultrassom...
- Aí não deu nada!
- Aí o coraçãozinho dele não “tava” muito... batendo. Aí era, eles deram... como que é? Aborto inevitável, ou seja, mais cedo ou mais tarde o bebê ia embora, mas eu fiquei com muita esperança quando a Eliana ficou grávida, eu fiquei muito feliz, na época eu fiquei muito triste, mas já passou! Eu já tô com esperança pra... daqui a pouco Deus vai me aben... Na ho... na hora certa virá mais bebês. Então eu tô muito confiante, mas eu achei muito engraçado, porque eu já sabia que não ia nem dá pra editar, porque “cê” tá com todos os jornalistas aqui, entendeu?! Aí eu preferi vir falar, mas você é um linguarudo!

- Ah, mas todo mundo já sabia.
- [...]
- Sabia nada, nem a minha equipe sabia!
- Não?
- Não, só você, a sua esposa e algumas das suas filhas e os genros, maridos.
- Cê não falou?
- Não! (PATRÍCIA ABRAVANEL & SILVIO SANTOS, 2017)

Logo na sequência outra revelação acontece:

- Mas cê não vai casar?
 - Eu vou cas...
 - Ou também é se...
 - Oh, tudo... Ele conta tudo, gente! Que que eu faço? Como que segura a boca dele?
 - E esse vestido é...
 - Vou casar, na tua casa, vou contar tudo que ele já vai falar mesmo! Vou casar, gente, daqui a pouco, um casamento bem pequeno, bem fechado, vai ser na casa dele!
 - Bem pequeno???
- rsrsrsrsrsrs [...] (SILVIO SANTOS & PATRÍCIA ABRAVANEL, 2017).

Nessas falas, percebemos que, por mais que Silvio exponha Patrícia, a evidência de si que Patrícia faz posteriormente é muito mais densa. Silvio disse: “ela realmente não ficou grávida”. Um efeito de sentido que essa finalização do discurso possibilita pensar é que o que houve foi um erro no teste da farmácia, o que é muito possível. Mas, quando Patrícia entra em cena, ela reclama das revelações do pai e acaba se exibindo e se evidenciando mais ainda, confessando que houve uma gravidez e houve também um aborto, há uma exploração do trágico por meio do recurso lúdico, do riso, apesar de, paradoxalmente, a apresentadora ter sofrido a perda do filho.

Na sequência, quando ocorre a pergunta sobre o casamento, é Patrícia que revela todas as informações. Há uma ruptura na regularidade dos dizeres de Silvio, por conta de mudanças temáticas, entretanto, há uma regularidade nessa ruptura. Silvio, que anteriormente falava do vestido que Patrícia usava na premiação, se era emprestado ou não, pergunta sobre o seu casamento. O prenúncio do tema *casamento de Patrícia Abravanel* propõe uma regularidade enunciativa de Silvio Santos, que revela a vida privada de Senhor Abravanel e suas filhas. Pela segunda vez, num mesmo programa, Silvio Santos expõe a vida privada da própria filha, ainda que o objetivo fosse entregar a ela o prêmio de melhor apresentadora do ano anterior e também desse ano, escolha dos jurados durante o *Troféu Imprensa*.

Em todo casamento há um destaque para o vestido de noiva – essa pode ter sido a motivação dialógica, a remissão a outro discurso, o interdiscurso que levou a essa mudança temática. Patrícia novamente reclama da exposição feita pelo pai: *Ele conta tudo, gente! Que que eu faço? Como que segura a boca dele?* e Silvio tenta retomar a conversa sobre o vestido que ela usava na ocasião, mas Patrícia resolve falar e conta tudo. Aproveitando o fato de que não haveria cortes e a imprensa estava reunida, ela expande o assunto, já que, de qualquer modo, por ela ou pelo pai aquilo seria revelado e detalhado. Isso acontece até o momento em que Patrícia diz que o casamento será *bem pequeno*, o que provocou risos na plateia e nos jurados. Os enunciados de Silvio e Patrícia são sempre atravessados pelo recurso lúdico, tanto nesse episódio do casamento quanto no momento em que Patrícia fala sobre o aborto. Ela não mostra uma expressão de tristeza ao falar sobre isso; pelo contrário: em muitos trechos, ela ri, pois o pai provoca o riso ao revelar o que, para a filha, fazia parte da esfera privada. Silvio Santos desliza o sentido trágico do aborto, por exemplo, ao revelá-lo, pois Patrícia não desejava isso, o que torna engraçada a revelação, por ser incomum, esquipática. É regular a manutenção privada dos entraves e revelação das conquistas, especialmente no caso de situações pessoais consideradas delicadas, como a morte de um filho por meio do aborto. O riso pode ser interpretado, também, como desconfortável, pela exposição, um riso irado porque era algo que poucos sabiam (o aborto), mas o riso está presente e “não só a produção de sentido do riso é diferente em cada enunciação, mas também sua forma, ou melhor, sua materialidade” (SOUSA, 2017, p. 118).

A ordem discursiva que interpela os dizeres de Silvio e Patrícia remete à hibridização da vida pública e da vida privada. Há uma

[...] inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, fermentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades (FOUCAULT, 2005, p. 08).

Houve uma inquietação a respeito do que foi dito: Patrícia esteve ou não grávida? O que essa revelação poderia suscitar? Foi um momento de frustração ou de sofrimento? A redução das asperezas evidenciadas pela insatisfação de Patrícia Abravanel, a filha que tem a

vida íntima revelada pelo pai (“Você é muito linguarudo!”), ocorre quando ela mesma detalha sobre o próprio casamento após Silvio perguntar se ela iria se casar. Aparentemente, o evento permaneceria restrito a um ritual da vida íntima, mas o pai mencionou o vestido que ela usava durante a cerimônia do *Troféu Imprensa*, ambiguidade que pode ter remetido ao vestido de noiva, fazendo com que ele se lembrasse do casamento e perguntasse, levando Patrícia a responder impulsivamente, mas de modo semelhante ao princípio regulador de Silvio Santos sobre a vida privada dos Abrevaneis. Da mesma maneira, então, posteriormente Patrícia detalha seu matrimônio, que se realizou naquele mesmo mês.

Além de retratar temas que abordam o núcleo familiar, Silvio também usa a questão da velhice para trazer o cômico a partir de experiências vivenciadas por ele e também em um quadro específico do programa. No quadro *Os velhinhos se divertem*, temos a espetacularização do idoso, mobilizado de forma incomum. As práticas enunciativas dos idosos apresentadas no quadro remetem a uma vida sexual ativa, ao consumo de bebida alcoólica, a uma vida promíscua, o que se espera que aconteça durante a juventude, e não na velhice. Nesse sentido, a vida escapa à morte, prenúncio da velhice. Tal autoafirmação dessa fase da vida torna-se risível porque se desloca do estereótipo do idoso, que previne e poupa o corpo das agruras de uma vida desligada do discurso sobre ser saudável.

À imagem trágica da velhice, maldição enviada pelos deuses, “idade triste e que mata”, segundo Sófocles, sucede a caricatura grotesca. A velhice dá medo, “a velhice odiosa, débil, inabordável, sem amigos e que resume nela todos os males”; o riso pode aliviar esse medo, e na comédia os velhos são grotescos, já que não são mais capazes de desfrutar os prazeres da vida e que a proximidade da morte torna vãos todos os seus projetos. O único velho não risível é aquele que não faz nada, que não come mais, que não bebe mais e que não se deita com mulheres. Se ele procura “viver”, é repugnante ou ridículo. Nele, os vícios ou as simples paixões tornam-se automaticamente cômicos; o velho lúbrico, o velho bêbado, o velho avaro, o velho amoroso, a velha intrometida certamente fazem rir (MINOIS, 2003, p. 51, 52).

A abordagem do quadro expõe o idoso justamente numa posição social esquipática, e, dessa forma, ridicularizada, já que suas práticas de apenas tentar “viver” são vistas como algo anormal, como se a velhice não pudesse proporcionar nenhum tipo de prazer. Quando há essa tentativa, isso se torna cômico e, de certa forma, humilhante.

Considerações finais

Silvio Santos, como sujeito híbrido, polifônico, se apropria de determinadas linguagens que são eficazes em suas práticas enunciativas. Elas não são, necessariamente, próprias de Silvio Santos, intrínsecas e adâmicas, originárias de si, mas a ordem discursiva que o interpela em suas aparições públicas faz com que ele mobilize estratégias para cativar o *pathos* e divertir seu auditório. Os discursos são fundamentados por uma heterogeneidade, uma recaptura de outros dizeres já dados na história; por isso, não há um discurso original. Foucault (2008, p.28) preconiza que

[...] todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um "jamais-dito", um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro (FOUCAULT, 2008, p. 28).

Existem, então, instrumentos sócio-ideológicos disponíveis e o sujeito enuncia a partir dessas possibilidades. Esses enunciados se assemelham, por isso falamos de um já-dito, uma repetição inovadora (sem que a expressão signifique um oxímoro, um paradoxo extremamente violento, uma impossibilidade), pois o que se diz não é adâmico, é sempre retrato de um constante retorno enunciativo, em diferentes roupagens, devido à diversidade da ordem histórica. A situação de produção enunciativa não é a mesma. Embora os enunciados sejam similares, os efeitos de sentido produzidos se diferem, sendo assim, é uma enunciação inédita, um jamais-dito.

As práticas enunciativas também são polifônicas, “vozes oriundas de diferentes espaços sociais e diferentes discursos, constitutivas do sujeito discursivo” (FERNANDES, 2008, p. 35). A ideologia que permeia Silvio Santos faz com que suas práticas enunciativas se alternem de acordo com seus propósitos lúdicos. Há uma constante construção, desconstrução e reconstrução dos sujeitos que fazem com que os comportamentos e práticas enunciativas de Silvio Santos sejam cada vez mais espetacularizados, tanto na instância do público quanto do privado, do individual e do social e, dessa forma, irrompam as diferentes configurações de sujeito.

Referências



BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. MEDEIROS, Carlos Alberto (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MINOIS, Georges. História do Riso e do Escárnio. Trad. de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

SOUSA, Waldênia Klésia Maciel Vargas. **A emergência do riso como enunciado**. Tese de doutorado e, Letras e Linguística defendida e aprovada no dia 31 de março de 2017, na Universidade Federal de Goiás.

Troféu Imprensa 2017 - Muito simpática, Patricia arrasa no palco da premiação. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=xYsoUmO1HmQ&list=PLdVc1RNcjHV1Vv6gePjWt8u-Jt6IDRswI&index=21>>. Acesso em: 17 Abr. 2017.